

## Cultura e Desenvolvimento Regional nos Interiores da América do Sul

Juan Ignacio Brizuela<sup>1</sup>

**Resumo:** A UNESCO logrou agendar, a nível mundial, o debate sobre a relação entre cultura e desenvolvimento. Ainda assim, não são muitas as pesquisas que contextualizam esse debate nos territórios da América do Sul. No Nordeste brasileiro, a temática vem sendo trabalhada por Leitão (2009) e Lustosa da Costa (2006), entre outros; além da experiência da SECULT-Bahia. Propostas semelhantes acontecem no Litoral da Argentina, com o *Programa Identidad Entrerriana*. A experiência pioneira da província de Entre Rios foi logo aplicada em sete províncias da Argentina. No Chile, foi implementado durante o ano 2007 o *Programa del Fortalecimiento de la Identidad Regional*. A partir destas iniciativas, o artigo procura compreender melhor a dinâmica entre políticas culturais e o desenvolvimento regional nos interiores do continente sul-americano.

**Palavras chave:** Políticas Culturais, Desenvolvimento Regional, Territórios, Identidades.

### Introdução – Um debate *contexto* / no contexto sul-americano

Existe hoje uma bibliografia importante sobre a relação entre cultura e desenvolvimento. A UNESCO teve um papel fundamental para agendar este tema a nível internacional e regional, começando pela Década Mundial das Nações Unidas para o Desenvolvimento Cultural (1988 – 1997). Desse período é o informe da Comissão Mundial sobre Cultura e Desenvolvimento intitulado “Nossa Diversidade Criativa” (1995). A UNESCO também organizou no ano 1998, a Conferência Intergovernamental de Estocolmo sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento. Finalmente, no Brasil, a UNESCO e o IPEA organizaram no ano 2002 o seminário internacional sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento.

É interessante colocar esse debate no contexto da América do Sul, onde diferentes receitas foram aplicadas para lograr o tão ansiado desenvolvimento que ainda estamos procurando. Como é que nestes povos excluídos, ex-colônias com culturas domesticadas, despossuídos de auto-estima e de capacidade de mobilização (LEITÃO, 2009), vão mudar e transformar essa realidade?

Novas perspectivas de políticas culturais aparecem no cenário, pensadas e executadas nos interiores do continente sul-americano. No Nordeste brasileiro, especificamente no Ceará, Claudia Leitão (2009), trabalha na perspectiva do

---

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais (UCC/Argentina). Mestrando do Programa Multidisciplinar em Cultura em Sociedade do IHAC/UFBA, Brasil. E-mail: [juanbrizuelapna@gmail.com](mailto:juanbrizuelapna@gmail.com).

**desenvolvimento com envolvimento.** Frederico Lustosa da Costa (2006), propõe a noção de **bacia cultural**. Na Bahia, a Secretaria de Cultura relaciona cultura e desenvolvimento regional através do conceito de **desenvolvimento territorial da cultura** (BRANDÃO, 2009).

Experiências semelhantes acontecem no Litoral da Argentina, onde a província de Entre Rios teve uma interessante política cultural chamada *Programa Identidad Entrerriana*, que trabalhando em parceria com o organismo federal de fomento ao desenvolvimento das províncias – o Conselho Federal de Investimentos (CFI)- logrou a primeira experiência concreta de vinculação entre cultura e desenvolvimento regional. A experiência pioneira do CFI e da província de Entre Rios em apoiar iniciativas culturais visando o desenvolvimento foi logo aplicada em sete províncias da Argentina.

Do outro lado da cordilheira, no Chile, foi implementado durante o ano 2007 o *Programa del Fortalecimiento de la Identidad Regional*, que teve o objetivo de apoiar o fortalecimento da identidade regional visando contribuir ao desenvolvimento endógeno das regiões e brindando novas ferramentas aos governos sub-nacionais para o desenvolvimento de seus territórios (RIMISP, 2010).

Estas são algumas das iniciativas que serão analisadas neste artigo, ainda que superficialmente, na tentativa de compreender melhor a dinâmica entre políticas culturais e desenvolvimento regional.

### **Notas sobre cultura e desenvolvimento na Província de Entre Ríos**

Como Entre Ríos vai ser uma província desenvolvida, se não temos em todo o território uma escada rolante?

(cidadão entrerriano<sup>2</sup>, Outubro de 2008, cidade de Paraná, província de Entre Ríos, República Argentina).

A frase que pertence a um habitante anônimo da cidade de Paraná, em um diálogo do qual eu não fazia parte e só escutei ao passar, tem uma lucidez e uma clareza

---

<sup>2</sup> Gentílico da província de Entre Rios, na Argentina.

argumentativa tão forte que até hoje marca o rumo da minha pesquisa sobre a relação entre políticas culturais e o desenvolvimento regional.

O primeiro argumento que aparece é que, aparentemente, Entre Ríos não é um território desenvolvido. Para muitos entrerrianos, isso não seria nenhuma novidade. Sendo uma província agropecuária há duzentos anos, não oferece muitas oportunidades de trabalho na indústria automotriz ou serviços diversos que há em outros lugares, principalmente metropolitanos, da Argentina. Esses parâmetros são estabelecidos dentro do paradigma econômico capitalista do desenvolvimento<sup>3</sup>.

Até o próprio secretário da produção da província Roberto Schunk, economista universitário de reconhecida trajetória pesquisando o desenvolvimento do território, trabalha pensando em deixar de ser o “*granero del mundo*” - como foram muitas províncias agrícolas no começo do século XX – para passar a ser a “*granja del mundo*”. Assim, não somente seriam cereais ou, atualmente, a soja; mas também frutas, hortaliças, gado, porco, frango, entre outros. Diversificar a produção agropecuária.

Porém, a reflexão feita pelo ignoto cidadão entrerriano é clara em relação ao horizonte do desenvolvimento: a escada rolante. Nessa hipótese se resume mais de um século de pensamento latino-americano sobre desenvolvimento<sup>4</sup>. A modernização e atualização permanente implicam evolução. Deixar o cavalo para usar o automóvel, deixar o campo para morar nas cidades, deixar as ruas de terra para obter o pavimento.

Não é simples fazer uma contra-argumentação à escada rolante como indicador de desenvolvimento. De alguma maneira, sendo mais ou menos explícita, a grande maioria dos planos de desenvolvimento provincial, nacional, e internacional – dos principais organismos econômicos como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, entre outros - trabalham na perspectiva da escada rolante. Isto é, incorporar na região tecnologia e investimentos produzidos nos centros econômicos mais fortes do mundo.

---

3 Por exemplo, o Instituto de Pesquisas Econômicas da Bolsa de Comércio de Córdoba, na Argentina. Contudo, a maioria das pesquisas econômicas sobre desenvolvimento trabalha com o mesmo paradigma.

4 Uma excelente revisão do pensamento latino-americano pode encontrar-se no livro do pesquisador chileno Eduardo DEVÉS VALDÉS: *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX. Desde la CEPAL al Neoliberalismo (1950-1990)*. Buenos Aires: Biblos, 2003.

Celso Furtado (*apud* BORJA, 2009) advertia em seus textos sobre os perigos de uma incorporação acrítica da tecnologia produzida em outros países. Para ele, essa tecnologia trazia não somente uma nova forma de dependência, mas ainda padrões culturais de consumo massivo que iam contra práticas e costumes culturais locais (BORJA, 2009). O paradigma da escada rolante, o shopping, é um exemplo claro disso.

### **Viver Entre Ríos**

Não são poucos os habitantes da província que nos sentimos muito mais entrerrianos do que argentinos. Aqueles que somos a “geração da democracia”, já vivermos as mais fortes contradições de um país que se achava de “Primeiro Mundo”- como dizia o presidente Carlos Saul Menem na década dos 90`-, época de relações carnavais com os Estados Unidos da América. Por outro lado, também vivemos a maior catástrofe política, econômica e, por sobre todas as coisas, cultural da história argentina recente: a crise do ano 2001.

O nome do território provincial tem uma explicação lógica, sendo quase um neologismo das línguas aborígenes. A maioria das línguas originárias da região sul-americana, como as dos tupis, dos guaranis e dos charruas, são línguas descritivas. Cada palavra tem – dentro da mesma- sua explicação, para que aquele que escuta possa compreender do que está falando. Entre Ríos é uma região que, como seu nome o indica, está entre quatro rios: o rio Paraná, que começa no Amazonas, o rio Uruguay, e dois rios menores, o Guayquiraró e o Mocoretá.

A vida das pessoas Entre Ríos é muito simples. Poderia dizer-se que não teve modificações substanciais ao longo do tempo, já que sua principal fonte de produção segue sendo agropecuária. Os rios são utilizados para a pesca, para a energia - com as represas hídricas-; e também para o turismo - com as praias, no verão, e as termas de água quente, no inverno-.

A província foi protagonista da história da região. Acompanhou a revolução de 1810, e declarou a independência sob a liderança de Gervasio Artigas, líder do atual território de Uruguai, no ano 1815. Foi República por um ano em 1820, liderou a causa federal no ano 1852, a cidade entrerriana de Paraná foi capital da Confederação da

República Argentina de 1853 até 1860, conformando à única (e falida) experiência de governo federal sem a presença de Buenos Aires.

No século XX, o território não teria maior influência nos principais acontecimentos do país. Aconteceu que durante grande parte do século, Entre Ríos ficou isolado do resto dos territórios argentinos por causa de sua geografia, que só mudaria no ano 1960 com a criação de um túnel sub-fluvial entre as cidades de Paraná e Santa Fe (capital da Província de Santa Fe). Ficou assim uma sensação de auto-suficiência durante a primeira metade do século XX, e uma sensação de atraso relativo ao desenvolvimento dos outros territórios.

No breve recorrido que eu fiz em algumas localidades da província, reconheci em diversos agentes culturais - funcionários públicos, artistas da rua, produtores e consumidores, pesquisadores, entre outros – essa busca pela alternativa cultural ao desenvolvimento da escada rolante. Reconhecem no território entrerriano uma singularidade e diversidade cultural que não existiria em muitos lugares do mundo, e que isso tem um valor que ainda não foi nem pesquisado nem reconhecido tanto pelos próprios habitantes como por aqueles que ocasionalmente passam ou visitam Entre Ríos.

### **Cultura e Desenvolvimento Regional no Nordeste brasileiro**

Tanto Lustosa da Costa (2006) como Leitão (2009) entendem que durante o século XIX e grande parte do século XX, as teorias do desenvolvimento abordaram a cultura como um obstáculo ao crescimento econômico. Ainda mais, muitas expressões culturais eram caracterizadas como símbolo de atraso.

Mais recentemente, os teóricos da modernização se ocuparam de dar explicações post hoc (LUSTOSA DA COSTA, 2006), onde se os países tinham crescimento econômico, a cultura era o fator determinante. Se não acontecia, ou continuavam pobres, o problema estava na cultura. Esse oportunismo das grandes generalizações da cultura foi discutido inclusive por Amartya Sen (2000), em uma reunião do Banco Mundial realizada em Tóquio, que foi trabalhado em outro artigo.

Lustosa da Costa (2006) entende que uma série de novas abordagens sobre o problema da mudança e a transformação social, permitiram rever as antigas concepções de desenvolvimento:

O antigo modelo baseado apenas na busca de crescimento econômico sofreu um forte abalo, com a emergência de novo paradigma que contempla as dimensões social, ambiental, institucional e cultural da vida humana associada (LUSTOSA DA COSTA, 2006. Pág. 1).

Esse novo paradigma, com foco na qualidade de vida e na preservação do patrimônio comum, destaca tanto as esferas econômicas e institucionais como os elementos históricos e culturais que formam parte do território e, por isso, são constituintes do processo de desenvolvimento. Assim, ganham relevância os elementos relativos à identidade, como fatores de agregação social (LUSTOSA DA COSTA, 2006).

Neste sentido, a cultura é um fator primordial do novo modelo de desenvolvimento, principalmente aquela dos territórios locais e regionais, já que permite:

- despertar o sentido de pertença e aumentar a auto-estima da população;
- acumular capital social;
- assegurar o comprometimento das pessoas com projetos de desenvolvimento da região, e;
- gerar oportunidades de emprego e renda na indústria criativa (LUSTOSA DA COSTA, 2006. Pág.3).

A partir do protagonismo que tanto cidades como regiões do interior do país podem ganhar no mundo globalizado, mudando a tendência tradicionalmente passiva das mesmas para uma posição ativa, é possível pensar em uma transformação social desde os territórios locais e regionais. São nas cidades e regiões onde vive a maior parte da população mundial, e é nelas onde as pessoas podem melhorar suas condições de habitar e viver. Sobre o desenvolvimento regional, o pesquisador da Fundação Getúlio Vargas explica:

(...) a noção de desenvolvimento regional implica que as regiões possam ser tomadas como espaços integrados a estados, macrorregiões, países e ao próprio mundo globalizado, interagindo dinamicamente com todos esses ambientes e mercados (BOISIER: 1996). Esse novo paradigma entende o desenvolvimento nacional como um processo de coordenação e sinergia entre vários processos de desenvolvimento local e regional (LUSTOSA DA COSTA, 2006. Pág. 4).

Por todas estas razões, o pesquisador propõe a noção de **bacia cultural**. Segundo ele, o termo tem sido proposto pelo ex-ministro Gilberto Gil, sendo um espaço geográfico diferenciado, que toma como referencia a cultura regional, valorizando assim a identidade e a diversidade. Neste sentido, são incluídos elementos geográfico-ambientais quanto socioeconômicos; já que cultura, sociedade e meio ambiente são componentes da realidade absolutamente inseparáveis (LUSTOSA DA CUSTA, 2006). Em palavras do pesquisador:

(...) a bacia cultural pode ser definida como um território que se configura em torno de um mesmo fluxo cultural, nutrido por fontes culturais diversas, que se fundem e se desdobram numa rede relacional de influências e confluências, para formar, em sua diferença e a partir de um imaginário compartilhado, um espaço original (BARROSO: 2006) (LUSTOSA DA COSTA, 2006, p. 5).

A pesquisadora e gestora cultural do Ceará, Claudia Leitão (2009), reflexiona sobre os esvaziamentos das identidades, valores e significados, e a total perda de referência a que os excessos do mundo contemporâneo tem-nos levado. Segunda a pesquisadora:

O resultado é que, enquanto vivíamos os excessos, perdemos nossas bases identitárias e, dessa forma, penetramos em um mundo de referenciais flutuantes, onde as ideologias tornaram-se incapazes de justificar nossas escolhas ou de orientar nossos destinos (LEITÃO, 2009, p. 13).

O conhecimento científico também contribuiu para o empobrecimento do mundo, logrando os esvaziamentos das identidades e de pontos de referencia na modernidade. No afã de explicar os fenômenos sociais, retirou o contexto do objeto pesquisado (MORIN *apud* LEITÃO, 2009). As Ciências Humanas reduziram sua atuação ao calculável e ao formulável, deslocando as pesquisas dos contextos sociais, históricos, políticos, culturais e ecológicos nos quais os “objetos de pesquisa” foram gerados. A mesma coisa aconteceu com a cultura, já que ela também se alimentou durante o século XXI, mais de ilusões do que de esperanças (LEITÃO, 2009).

Nosso contexto, na América do Sul, e de sociedades muito desiguais. Marcados por uma história comum de exclusão e colonialismo, ainda não conseguimos, em pleno século XXI, pensar por nós mesmos. Segundo o raciocínio da pesquisadora nordestina, essa desigualdade gera desconfiança e distanciamento entre grupos e estratos sociais. E para pior, os pesquisadores da região não logramos construir categorias próprias, não compreendemos os territórios onde estamos inseridos; e, além disso, não conseguimos fugir dos significados propostas pela ciência e tecnologia dos chamados “países mais evoluídos” ou “desenvolvidos”.

A pergunta surge, então, desafiante: Como é que nestes povos excluídos, ex-colônias com culturas domesticadas, despossuídos de auto-estima e de capacidade de mobilização, vamos mudar e transformar nossa realidade? (LEITÃO, 2009). A autora cearense abre um horizonte de possibilidades:

Se essas populações possuem chances de se desenvolver, esta chance se dá exatamente pela possibilidade de escaparem dos modelos hegemônicos ocidentais tradicionais e construírem, de forma autônoma, suas próprias alternativas de desenvolvimento, de formularem novas estratégias de pensar, agir, e de se relacionar com o mundo (LEITÃO, 2009, p. 22).

A partir do raciocínio de Leitão (2009), inferimos que durante séculos tanto a cultura como o território local e regional, ficaram fora dos discursos dominantes na esfera política, científica ou econômica. A mudança é bem recente, já que aconteceu no final do século XX. Ao deparar-se com o fracasso de muitos projetos de transformação social – e o



caso argentino é uma clara prova empírica disso-, cientistas, técnicos, políticos, empresários e burocratas começam a integrar as dimensões humanas, ambientais e culturais nos debates sobre desenvolvimento (LEITÃO, 2009).

Como as políticas culturais podem contribuir nesta nova perspectiva? A pesquisadora cearense resgata e re-significa as noções trabalhadas durante o Fórum “Desenvolvimento e Cultura”, organizado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) no ano 1999, em Paris. Lá, o desenvolvimento se libertou de sua matriz infra-estrutural, no sentido das obras de saneamento, estradas, habitação, urbanização. O desenvolvimento implicará novas formas de envolvimento e relacionamento dessas comunidades com essas intervenções. E por isso que expressões tradicionalmente presentes nos discursos artísticos, como identidade, diversidade, criatividade, passam a compor discursos políticos, econômicos, jurídicos, e sociais (LEITÃO, 2009).

E assim que todo projeto de “desenvolvimento com envolvimento” deve partir da (re)construção de bases culturais locais, e o papel das políticas culturais neste processo será:

(...) o de valorizar os imaginários locais, a partir do fomento das expressões culturais tradicionalmente descartadas e excluídas, compreendendo-as como produtoras de sinergias e estimuladoras de solidariedades comunitárias (LEITÃO, 2009. p. 34).

### **Voltar ao território: experiências no Litoral da Argentina**

Segundo a professora Graciela Rotman (1999), primeira coordenadora do projeto, o programa procura re-valorizar saberes e experiências, desde uma metodologia de investigação-ação, reflexiva, que permita desenvolver práticas culturais com um sentido amplo. Surge como uma síntese de um grupo de saberes; não pensados desde uma concepção acadêmica clássica, mas do conhecimento e sentimento dos entrerrianos (ROTMAN, 1999).

Além disso, Rotman (1999) pensa que o programa é uma resposta aos desafios e perigos da globalização. O processo de trans-nacionalização das economias gera precisamente o avanço das corporações transnacionais, concentrando em poucas mãos o poder econômico, militar e político. A integração regional e continental parece não deter-se; contudo, é preocupante como destrói a seu passo as identidades culturais. Um exemplo disso são as grandes obras de infra-estrutura que tentam só usufruir comercialmente os recursos hídricos sem ter em conta o impacto ambiental, gerando fortes resistências na população da província. O rio, além do valor econômico, tem um valor de pertença social, ecológico e de beleza (ROTMAN, 1999). Estaria implícito aí o valor cultural do rio.

Assim, o programa partiu da premissa “*a mayor globalización, mayor identidad entrerriana*” e começou a desenvolver-se em três áreas: Identidade e Ação Cultural; Identidade, Cuidado e Preservação do Meio Ambiente; e Identidade, História e Sociedade. A primeira etapa se implementou desde o ano 1997 até o ano 2000, sob a administração peronista de Jorge Busti do Partido Justicialista (1995-1999), que voltaria ao governo no ano 2003<sup>5</sup>. Lograram-se ações culturais em 40 cidades de Entre Ríos ao longo desses três primeiros anos de aplicação (IBARROLA, 2006).

O Conselho Federal de Investimentos (CFI<sup>6</sup>) participou desde o começo do programa, com apoio técnico e econômico em uma área que eles não tinham trabalhado até então: as políticas culturais. O próprio conselho entende que uma transformação social a partir do desenvolvimento de um sistema produtivo competitivo, requer de uma identidade forte que reconheça seus valores e seu patrimônio cultural:

El Programa Identidad Entrerriana persigue como objetivo fundamental, la efectiva participación de los entrerrianos, quienes, desde el rescate, la revalorización, el fortalecimiento, la divulgación, la recreación, la proyección, entre otros aspectos, se propongan ser protagonistas de la

---

5 O período que o programa não funcionou foi por causa de que o governador Sergio Montiel (Unión Cívica Radical) não quis continuar com uma política do partido opositor. Também foi o momento da enorme crise social, cultural e econômica do ano 2001.

6 O CFI é um órgão federal, que não depende do governo nacional se não das províncias argentinas, que procura o desenvolvimento regional, de forma integrada e harmônica, em todo o território nacional. Mais informação no site: [www.cfired.gov.ar](http://www.cfired.gov.ar).

construcción cotidiana de nuestra identidad, desde el plano de lo cultural, en su concepto más amplio y abarcativo” (CFI, 2009).

É importante frisar que o CFI tem dois eixos que sustentam seu acionar: Federalismo e Desenvolvimento Regional. Não é um dado menor que o conselho reconheça uma mudança forte nos modelos de desenvolvimento desde a volta da democracia na Argentina, 1983, e procure novas alternativas de crescimento. Uma delas tem que ver com a revalorização das identidades provinciais, e o primeiro programa que apoiaram foi o do Governo de Entre Ríos.

O PIE propõe-se fortalecer os vínculos federais, promover a coesão social e revalorizar as culturais locais. Os princípios do programa são:

- considerar a la cultura como elemento de inclusión social y construcción de ciudadanía.
- promover el desarrollo de la creatividad de los entrerrianos.
- promover el respeto y la defensa permanente de los derechos humanos y la preservación del medio ambiente, por una provincia sustentable.
- promover y ejercitar la no discriminación respecto a orígenes, sector social, ideas políticas y religiosas (IBARROLA, 2006, p. 4).

A partir da segunda etapa, que começou no ano 2005, o PIE tem apoiado logística e financeiramente a 170 projetos ao longo do território provincial. Segundo informações oficiais, envolveram-se aproximadamente dois mil entrerrianos, que participaram individualmente ou através de instituições intermédias da sociedade civil. Assim, mais de 80 cidades da província foram beneficiadas como atividades culturais, abrangendo os 17 departamentos do território (CFI, 2009). O programa apóia aqueles empreendimentos comunitários feitos e/ou destinados aos setores mais vulneráveis da sociedade, quando suas ações estão orientadas a:

- Fortalecer el trabajo asociativo, crear, reconstruir y/o mantener espacios participativos.

- Facilitar el acceso y/o fomentar el consumo y producción de los distintos bienes culturales.
- Fortalecer la capacitación y adquisición de nuevos recursos y conocimientos por parte de agentes multiplicadores locales.
- Preservar, restaurar, fomentar y/o difundir el patrimonio cultural.
- Apoyar emprendimientos productivos culturales que provengan de la actividad asociativa de una comunidad, que tenga como objetivo fortalecer la identidad regional y cuya inclusión en el mercado no esté garantizada por el circuito habitual de intercambio comercial de bienes.
- Alentar el pleno ejercicio de la libertad de expresión y superar la desigualdad informativa a través de la producción y difusión de información referida a temas y actores sociales que tiene escaso tratamiento público, o sobre los cuales se propone una perspectiva diversa o que se difunde en sectores marginados de los circuitos convencionales (CFI, 2009).

O atual coordenador do programa, Alfredo Ibarrola, explica que:

Entre Ríos es una provincia que tiene cinco zonas muy diferentes. La costa del Paraná, la costa del Uruguay, el norte entrerriano, el centro de la provincia y el sur donde está comprendido el delta entrerriano, es decir que son cinco regiones que también se manifiestan en el momento de hacer análisis y evaluaciones de los distintos comportamientos de la gente de cada lugar” (IBARROLA, 2006, p.5).

### **Os Territórios Culturais da Bahia**

Uma análise preliminar das políticas culturais do Estado da Bahia demonstra que aqui também a identidade tem a ver com o desenvolvimento regional. Segundo a pesquisadora Hanayana Brandão:

O Programa Integrado de Desenvolvimento Territorial da Cultura foi proposto pela Secretaria de Cultura da Bahia em 2007 como uma importante ferramenta para o planejamento cultural do Estado, com o objetivo de promover de maneira integrada o desenvolvimento sociocultural dos 26 territórios baianos, através da participação das comunidades beneficiadas e da articulação dos poderes públicos com a sociedade civil organizada e a iniciativa privada. (BRANDÃO, 2008, pág. 10).

O programa entende aos territórios de identidade como:

A base geográfica da existência social, espaço simbólico em que a população constrói a sua identidade, exprime sentimentos de pertença e cria seu patrimônio cultural. Esta regionalização deverá orientar a formulação de políticas públicas democráticas na área da cultura, descentralizando as tomadas de decisão, consultando a sociedade civil e criando instâncias intermediárias entre o poder municipal e o estadual (SECULT-BA, s/d).

Assim, existe um objetivo de realizar o planejamento estratégico da gestão cultural através da parceria dos municípios de um mesmo território com os poderes públicos estadual e federal; as empresas privadas que atuam localmente; as organizações do terceiro setor e a população das zonas urbanas e rurais dos municípios (SECULT, 2009). O planejamento territorial forma parte do Plano plurianual do governo estadual para desenvolvimento sustentável na Bahia, procurando reduzir as desigualdades econômicas e sociais em toda a região baiana (BRANDÃO, 2008).

Do outro lado da cordilheira, no Chile, foi implementado durante o ano 2007 o *Programa del Fortalecimiento de la Identidad Regional*, que teve o objetivo de apoiar o fortalecimento da identidade regional visando contribuir ao desenvolvimento endógeno das regiões e brindando novas ferramentas aos governos sub-nacionais para o desenvolvimento de seus territórios (RIMISP, 2010).

## **Conclusão – Existe realmente um novo paradigma na América do Sul?**

Nos diversos programas se observa como a cultura e a identidade podem ser instrumentos de desenvolvimento regional. São programas culturais públicos que se reconhecem como novas estratégias de desenvolvimento regional. Todos tentam afirmar as identidades locais, procuram incentivar ações culturais em todo o território sub-nacional, e não focalizar-se só nas cidades grandes ou na população urbana.

Agora bem, tomando o PIE como referência, não é explícita a intenção de desenvolvimento territorial; porém, existe uma preocupação de parte dos coordenadores de programa em desenvolver ações ao longo dos 17 departamentos<sup>7</sup>. Por outro lado, o programa tem o apoio da Sub-Secretaria de Cultura mais é gerido por um coordenador que não forma parte nem da estrutura provincial, nem do CFI. Quer dizer, não existe nem sequer nos planos um planejamento estratégico territorial. Essas dificuldades sobre a gestão institucional são colocadas por Lustosa da Costa (2006) na sua experiência com a Bacia Cultural de Arararipe.

Na província de Entre Rios, as capitais e cidades maiores têm mais informação e maior treinamento, contando com a capacidade de saber elaborar projetos. A elaboração de um projeto é a maior dificuldade que enfrentaram as cidades do interior da província. Por outro lado, o programa tentou aproximar e incentivar projetos que sejam sustentáveis ao longo do tempo, representativos da comunidade e das instituições culturais, visando a participação de todos os atores locais. Esse quadro se repete no caso da Bahia.

Contudo, as experiências analisadas são muito recentes, e o mais promissório das mesmas são os horizontes de possibilidades que se oferecem tanto teoricamente como na práxis política. São pesquisadores formulando políticas, gestores culturais fazendo pesquisas a partir da metodologia pesquisa-ação (ROTMAN, 1999), e cada vez mais populações locais e regionais participando dos processos de elaboração de políticas culturais, ainda que timidamente.

O desafio está em colocar essas experiências e noções trabalhadas pelos pesquisadores, em um horizonte cultural mais amplo, supranacional e supra-regional, como pode ser aproveitando os espaços de integração regional existentes na América do Sul e na

---

<sup>7</sup> divisão intra-provincial.

América Latina (como MERCOCIDADES, MERCOSUL CULTURAL, UNASUL, COMUNIDADE ANDINA, ALBA, entre outras) ou criando novas redes de trabalho coletivo.

A dimensão regional supranacional é um imperativo categórico para as políticas culturais pensadas em um novo modelo de desenvolvimento no contexto, com envolvimento dos territórios.

### **Referência Bibliográfica:**

BOLSA DE COMERCIO DE CÓRDOBA. **Globalización, Federalismo y Desarrollo**. Córdoba: Instituto de Investigaciones Económicas, 2008.

BORJA, Bruno. **Cultura e Desenvolvimento no pensamento de Celso Furtado**. In: Anais do V ENECULT. Salvador: UFBA, 2009.

BRANDÃO, Hanayana. **“A bahia em pedaços” outra vez: Reflexões sobre identidade, território e desenvolvimento**. In: Anais do I EBECULT. Salvador: UFBA, 2009.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX**. Desde la CEPAL al Neoliberalismo (1950-1990). Buenos Aires: Biblos, 2003.

IBARROLA, Alfredo. **Cultura, vida cotidiana y desarrollo de la creatividad como recurso social**. Mar del Plata: I CONGRESO NACIONAL DE CULTURA, 2006.

LEITÃO, Claudia. **Cultura e Municipalização**. Coleção Cultura é o quê? Vol. III. Salvador: Secretaria de Cultura / Fundação Pedro Calmon, 2009.

LEITÃO, Claudia. **Biodiversidade Cultural e Imaginário de Desenvolvimento**. In: Anais do V ENECULT. Salvador: UFBA, 2009.

LUSTOSA DA COSTA, Frederico. **Cultura, desenvolvimento e planejamento regional: Aspectos conceituais e metodológicos**. Guatemala: XI CLAD, 2006.

ROTMAN, Graciela. **Programa Identidad Provincial en Entre Ríos**. Paraná: SEMANA DE LA IDENTIDAD, 1999.

SEN, Amartya. **Culture & Development**. World Bank Tokyo Meeting. Tokyo: 13 de December of 2000.

UNESCO / AA. VV. **Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura**. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.